

## DERMATOFITOSE FELINA CAUSADA POR *Microsporium gypseum* - RELATO DE CASO

ANDRÉ CASCADAN<sup>1</sup>; CLÁUDIA BEATRIZ DE MELLO MENDES<sup>2</sup>; JHAMILA VIÉGAS ABDALA<sup>2</sup>; MARINA OLIVEIRA DANELUZ<sup>2</sup>; GUSTAVO FORLANI SOARES<sup>2</sup>; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [acascadan@gmail.com](mailto:acascadan@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [claudiabeatrizmm@gmail.com](mailto:claudiabeatrizmm@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – (CNPq: 305071/2012-9) [marciaonobre@gmail.com](mailto:marciaonobre@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Dermatofitoses, também conhecidas como tinhas e *ringworm*, são micoses cutâneas causadas por fungos que invadem estruturas queratinizadas, como pele, pelos e unhas de animais e seres humanos, e são classificados em três gêneros: *Microsporium*, *Trichophyton* e *Epidermophyton*, sendo que apenas os dois primeiros gêneros acometem os animais, podendo a transmissão ocorrer de forma direta ou indireta (QUINN et al., 2005).

Dentre as espécies zoofílicas, mais adaptadas aos animais domésticos, mas que podem causar infecções em seres humanos, destaca-se o *Microsporium canis*, especialmente adaptado aos felinos, sendo a espécie mais envolvida em casos de zoonose devido ao convívio entre felinos e humanos (NOBRE et al., 2001 ; QUINN et al., 2005 ; MEINERZ & ROSA, 2009). Além desta, *Trichophyton mentagrophytes* e o *Microsporium gypseum* também ocorrem em felinos (QUINN et al., 2005).

O *Microsporium gypseum* é um dermatófito geofílico, que possui como reservatório o solo, e como principais hospedeiros os equinos, cães e roedores, infectados a partir do contato com o solo ou do contato com outros animais infectados (BIBERSTAIN, 2003; QUINN et al., 2005).

Os sinais clínicos característicos de infecção por dermatófitos são áreas alopecias, escamação e pelos quebrados cercados por regiões inflamatórias, podendo também haver pseudomicetomas, onicomiose e hiperpigmentação da pele (QUINN et al., 2005). O objetivo deste trabalho é relatar um caso clínico de dermatofitose felina causada por *Microsporium gypseum*.

### 2. METODOLOGIA

No Hospital Veterinário da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, foi atendido um paciente da espécie felina, sem raça definida, fêmea com aproximadamente dois meses de idade. Durante a anamnese o proprietário relatou que o paciente foi resgatado à aproximadamente 20 dias anterior a consulta, onde o paciente possuía acesso a rua, e já apresentava lesões cutâneas alopecias e pruriginosas. Foi realizado exame clínico geral no paciente, onde foi possível observar lesões cutâneas alopecias, irregulares e crostosas na região da articulação úmero-radio-ulnar e no membro anterior esquerdo. Para a obtenção do diagnóstico definitivo foram coletadas amostras de crostas e pelos para realização de análise micológica.

As amostras coletadas foram encaminhadas para o laboratório e semeadas em placas de Petri contendo ágar Sabourand e Mycosel®, e incubado em estufa a 25°C por um período de seis dias, sendo realizada análise macroscópica das

colônias. Após o crescimento das colônias foi realizado o exame direto, retirando-se um fragmento da colônia fúngica, colocado em lâmina de microscopia e adicionado uma gota de lactofenol azul de algodão, para posterior leitura da lâmina em microscópio óptico (400x).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No exame clínico geral as lesões apresentadas pelo paciente, alopecias, com presença de crosta e presença de prurido, eram compatíveis com lesões características de dermatofitose. Na avaliação do exame micológico obteve-se crescimento de colônias fúngicas, com verso de coloração creme, superfície plana radiada, textura pulverulenta e reverso de coloração canela-acastanhado caracterizando *Microsporium gypseum*. No exame direto com lactofenol azul de algodão em microscópio óptico (400x), observou-se a presença de macroconídeos simétricos, de paredes finas e rugosas, com até seis septos, extremidade proximal truncada e extremidade distal arredondada, confirmando a identificação de *Microsporium gypseum*. Após a confirmação do diagnóstico iniciou-se o tratamento com itraconazol, em uma dose de 5mg/Kg, a cada 24 horas, por um período de 15 dias, após esse período observou-se o desaparecimento das lesões.

De acordo com NOBRE et al. (2001), o *M. canis* é endêmico em criações de felinos, nas quais todos os animais jovens podem estar clinicamente afetados em contrapartida aos gatos adultos, que podem não apresentar lesões, neste paciente o fungo encontrado foi o *M. gypseum*, e não o *M. canis* que é o que mais acomete felinos. Conforme citado por QUINN et al. (2005), o *M. gypseum* é adquirido a partir do solo, devido a certas atividades comportamentais do animal, como cavar compulsivamente no solo e caçar ratos, o animal do presente estudo possuía acesso a rua, mantendo contato com o solo que é o reservatório do fungo, o que facilitaria a forma de contágio.

Acredita-se que o paciente possa ter desenvolvido dermatofitose, por ser um filhote, conforme citado por CAVALCANTE (2006), que felinos com menos de um ano de idade são mais suscetíveis; este fato pode ser explicado pela falta de maturidade imunológica e baixa produção de ácidos graxos de cadeia saturada, dentre outros fatores.

O paciente do presente relato é um animal SRD (sem raça definida), contudo, apresenta pelos longos, o que facilitaria a propagação do fungo. De acordo com NEVES et al. (2011), felinos da raça Persa parecem ter maior prevalência da enfermidade, devido ao fato de pelo longos provavelmente facilitarem as condições ideais de temperatura e umidade para que as estruturas fúngicas mantenham-se protegidas da dissecação, favorecendo dessa forma e propagação fúngica.

O tratamento preconizado para dermatofitose pode ser tópico, com a utilização de pomadas e loções com antifúngicos como cetoconazol, clotrimazol ou miconazol e xampus a base de clorexidine 3%, e sistêmico, com a administração de griseofulvina, cetoconazol e itraconazol, sendo que o último apresenta menos efeitos colaterais e, portanto é mais indicado para felinos (MADRID & MATTEI, 2010).

#### 4. CONCLUSÕES

Com este estudo podemos concluir que foi diagnosticada dermatofitose por *Microsporium gypseum* em um felino, atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Pelotas.

#### 5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Laboratório de Micologia da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas, onde foram realizadas as análises micológicas.

#### 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBERSTEIN, E.L. Dermatofitos; In: HIRSH, D.C; ZEE, Y.C. **Microbiologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2003. Cap. 40. p. 201-206.
- CAVALCANTE, C.S.D.P. **Caracterização das Dermatofitoses Canina e Felina e Manutenção de Cepas Dermofíticas In Vitro**. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) – Faculdade de Veterinária, Universidade Estadual do Ceará.
- MADRID, I.M.; MATTEI, A. S. **Dermatofitose**: In: Manual de Zoonoses. Volume II – 1ª edição, p. 37 – 47, 2011. Acessado em 10 Jun. 2014. Online. Disponível em: [http://www.crmvrs.gov.br/Manual\\_de\\_Zoonoses.pdf](http://www.crmvrs.gov.br/Manual_de_Zoonoses.pdf).
- MEINERZ, A.R.M.; ROSA, C.S. Dermatofitose; in: MEIRELES, M.C.A.; NASCENTE, P.S. **Micologia Veterinária**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2009. Cap. 5. P. 85 – 96.
- NEVES, R.D.C.D.S.M., CRUZ, F.A.C.S.D.; LIMA, S.R.; et al. Retrospectivas das dermatofitoses em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Mato Grosso, nos anos de 2006 a 2008. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.41, n.8, p. 1405 – 1410, ago, 2011.
- NOBRE, M.D.O.; MEIRELES, M.C.A.; CORDEIRO, J.M.C. Importância do Felino Doméstico Na Epidemiologia da Dermatofitose Por *Microsporium Canis*. **Revista da FZVA**, Uruguaiana, v. 7/8, n.1, p. 84-91, 2000/2001.
- QUINN, P.J.; MARKEY, B.K.; DONELLY, W.J.C; et al. **Microbiologia Veterinária e Doenças Infecciosas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.